



Maio

2023



Nova Atena
Sabere e Bem-Estar



Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

MAIO

2023



Nova Atena
Sabere Bem-Estar



ÍNDICE

AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Faustino Vital	Maio	2
Faustino Vital	O amor não tem medida	3
Fernando Baptista	Uma quinta que parece domingo	4
Fernando Baptista	A calçada da Atamarna	5
Francisco Lourenço	Conviver e recordar	6
Graça Cêncio	O lugar da casa	7
Helena Franco	Bolas de sabão	8
Helena Franco	Valsa	9
Luísa Machado Rodrigues	À 5. ^a vez foi de vez	10
Maria da Conceição Areias	Primavera	11
Maria de Lourdes Santos	Maio e o amor de mãe	12
Maria Silveira	Ozono	13
Mitú Branco	Botão	14
Mitú Branco	Sonhar	15
Regina Ferreira	As cerejas	16
Regina Ferreira	Um amigo	17



nome

Faustino Vital

gênero

 POESIA PROSA

título

O amor não tem medida

O amor não tem medida

Se alguma vez quisermos medir o amor estaremos completamente enganados.

Não há metro com fracções de centímetros ou polegadas, sejam eles de tela, metal que enrolam ou de madeira articulados que consigam a medição de tal sentimento. O amor é algo tão belo que não se consegue explicar ou quantificar. Acontece, de repente, sem se saber porquê e porque começou. Dá um formigueiro na barriga, faz suar as mãos, põe a face rosada com ardor inusitado e prende a língua ao falar, quando devia fazer o contrário. Não há modo de entender. As distâncias nada significam e as proximidades por vezes geram timidez, frases tontas, ocas e que nada dizem e os silêncios prolongados são mais profundos que o espaço sideral. Para o demonstrar atrevo-me a contar um pequeno episódio passado numa fazenda de café no norte de Angola onde então estava aquartelado. Decorria o ano de 1968.

Nos momentos de descanso, entre missões de saída para a mata, que sempre eram cedinho, em que no ar da madrugada ainda pairava a neblina parada da noite acabada, a sentir o cheiro da vegetação e terra molhada que se erguia do chão, do fumo acre da queima da madeira de várias fogueiras que os trabalhadores da apanha do café tinham acendido entretanto para espantar o cacimbo pesado, passávamos as tardes a praticar o jogo de cartas do “king” que é individual, sentados em cadeiras toscas feitas com aduelas de barris de vinho. Jogava-se então a ganhar ou perder grades de cerveja e, enquanto o fazíamos, fumávamos os famosos cigarros CT e LM e a nossa língua afiada ia soltando conversa variada e rotineira. Invariavelmente eu e outro, secundados por outros mais, atazanávamos o mais novo do grupo que era bastante sensível ao assunto do amor que tinha pela sua querida namorada deixada na Metrópole denominada “o putó”, com o fim de o desconcentrar fazendo-o perder pontos e, portanto, mais cervejas. Para o efeito e enquanto decorria o jogo não parávamos de dizer, ora eu ora ele que a namoradinha do “maçarico” já devia andar com outro por ser “gira” e apetecível; que ele perdesse a esperança; que galhos já lhe estavam nascendo na cabeça e mais outras coisas do género, como “Quem tem sorte ao jogo tem azar ao amor”

Ele até era rapaz de sorte ao jogo e conseguia sempre muitos pontos. Naquele dia ele estava em plena reta de ganhos mas, umas jogadas mais à frente, sem razão e não explicável começou a perder parvamente com jogadas que não faziam nexos e o semblante dele ia ficando rubro, inchado, completamente aturdido e, aos poucos, foi-se transformando em pura desilusão e desalento. De súbito interrompeu o jogo e sem que algo o fizesse prever levantou-se num repente, abriu mão das cartas depondo-as com violência na mesa e disse repetidamente alto e em bom som “ Quero perder, quero perder, quero perder ”. Ficámos todos espantados e boquiabertos com aquela explosão descontrolada de sentimentos.

Compreendi então que o amor, seja ele qual for, é muito complexo, não tem fronteiras, as distâncias não existem, surge e apanha-nos de surpresa, inesperado e eufórico, muitas vezes magoado, apaixonado e bonito mas, sempre e para sempre inexplicável.



nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

Sem tempo

Sem tempo

Correndo, correndo
Atrás dos dias
Que passam.
Nascem e morrem
Tudo o que nasce acaba,
Até os dias.
Os pássaros sabem,
Deixam de piar
Quando acontece,
Eles também sentem
Que aquele dia já passou
Breve, tão breve
Como o bater das suas asas.
Tudo rápido,
Vertiginoso,
Num abrir e fechar de olhos
Deixa de haver claridade
Deixa de se ouvir
O seu pipilar.
Anoiteceu, então.



nome

Fernando Baptista

gênero

 POESIA PROSA

título

Uma quinta que parece domingo

Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

Uma quinta que parece domingo

A janela aberta e a varanda com o estore meio corrido. Um sopro tépido vindo do rio. O interior da casa envolto em penumbra. Um odor a flores e antigo a livros. Uma enorme vontade de escrever numa quinta-feira que parece Domingo. Um enorme desejo de descrever um grito interior que me confunde. Ocorrem recordações de momentos pelo campo com amigos na procura das flores, de ramos de oliveira e espigas para completar o raminho da “espiga”.

Sim hoje é quinta-feira que se diz “da espiga”. Completar cada um de nós o seu ramo para em final discutir o melhor apresentado. Íamos à missa da tarde para que cada ramo fosse benzido. Depois ficaria guardado em casa para, dizia-se, dar amor, pão, alegria e fartura para todo o ano.

De que cor é a infância? Será cada infância de uma cor própria? A da rapariga da varanda parece hoje cinzento escuro. Ar triste curvada sobre a varanda, o olhar absorto em nada, cabelo mal penteado os movimentos lentos e sem ligação com um leve som de música vinda do interior da casa.

Não sei o seu nome, mas também não interessa. Terá como eu a sensação de que hoje é Domingo? Será que se lembrou de outros tempos em que também ia pelos campos em busca do seu raminho? Imagino-me mergulhado na penumbra do “maiple” da sua sala, onde recordações em tropel me entristecem ou desanimam. Envelheci, claro; mas não deixo ao abandono dos acasos as ruas onde passo, as faces das pessoas que comigo se cruzam, uma secreta voz que me sussurra a deixar de parte a nostalgia.

Somos o que somos! Estávamos sob a proteção de um tempo que nos não corroía. Olho de novo a rapariga da varanda, os meus pensamentos caminham neste instante por ruas despovoadas e escuras, por casas fechadas com janelas cerradas; dois garotitos brincam com piões no largo com uma enorme palmeira no meio.

Um homem pedala e a bicicleta descreve círculos no largo rodeando a palmeira, com os garotitos aos gritos; gritos alegres de júbilo, bem entendido.

Aos poucos as casas abrem-se, gente vem para a rua, e a cidade começa pouco a pouco a ficar de novo cheia de sons e de cores. Uma mulher anuncia raminhos de espiga! Um senhor muito bem-disposto passeia três cães, um cego vende lotaria. De novo aquele sopro tépido vindo do rio. A rapariga entrou na casa, abriu mais o estore, colocou dois vasos com flores na varanda e uma pequena cadeira. Sentou-se e abriu o livro que trazia consigo.

O telefone tocou. A rapariga ouviu do outro lado do fio: Está? Respondeu: Quem está lá? Será que solitariamente aguarda desamparada que alguém lhe telefone? E de súbito ouviu a minha voz débil: Sou eu!



nome

Fernando Baptista

género

 POESIA PROSA

título

A calçada da atamarma

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

A calçada da atamarma

Vinha subindo a calçada da atamarma, e no caminho pensando como rapidamente alteramos a nossa maneira de sentir ou julgar um acontecimento banal (rotineiro), do comportamento humano.

O Tejo corria rápido, como louco, numa das suas maiores enchentes. As muralhas das Portas do Sol enchiam-se então de pessoas para verem e fotografarem a loucura do rio.

Fui à Ribeira de Santarém ver como então as ruas da povoação se percorriam de barco.

A minha mãe não me deixava ir nem à Ribeira em dias de cheia nem à Feira do Ribatejo em dia de largadas de toiros. A minha mãe não deixava, mas sem ela deixar sempre encontrava um “espaço nas horas” para o fazer.

No fundo “partilhava o tempo e o temor que há nos frutos por amadurar” como um dia escreveu um poeta ribatejano. E lá ia eu a subir a calçada da atamarma no passo cadenciado de quem está de bem com a própria integridade, para no cimo da calçada virar à direita a tempo de iniciar a próxima aula na velha escola técnica no largo de Marvila, onde outrora fora sede dos bombeiros, e agora transformada em escola.

Eis senão quando a um portal escancarado no cruzamento da Rua das Linheiras uma velha senhora de luto, porventura emoldurada de sentimentos e convicções antiquíssimas interrompe a subida da calçada e me diz: Qual é a moeda mais pequena que tens contigo? No umbral a velha senhora tinha um vaso grande e dentro deste outros pequenos com flores da época. Tinha uma voz suave e um porte distinto, olhos luminosos como milagre perfeito nos anunciando coisa boa.

Instintivamente fui ao bolso meio roto dos calções, e tirei uma moeda de 2 tostões.

Estendi-lha presumindo ser uma esmola o que a senhora solicitava. Nada disso. Ela então explicou-me: Sabes dá sorte a quem vende flores pedir à primeira pessoa que se veja uma moeda. Terás para que a sorte seja completa de a atirar para dentro deste vaso de flores.

Dentro do vaso grande um dos vasos estava cheio de rosas. Cumpri o ritual, digamos com solenidade. A velha senhora sorriu-me. Eu talvez tivesse sorrido, um sorriso complacente com o ritual, porque no fundo acreditasse que o dinheiro também serve para coisas simples.

No parapeito do prédio defronte, vulgar, antigo, porém sólido uma jovem (de Cabo Verde, de São Tomé?), parece sonhar e esperar que o sonho se realize. Um jovem aproximou-se, conversam, olham-se, melhor contemplam-se. Unem suas bocas num beijo terno intenso.

Meu Deus está na hora da aula. Corri o mais que pude para chegar a tempo. O professor Cordeiro (de matemática) sorriu e disse-me: Rapaz podes não ter sido o primeiro na prova, mas esforçaste-te.



nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

Conviver e recordar

Conviver e recordar

Juntos mais uma vez, em convívio militar
Histórias já recontadas, umas e outras recordadas

Alguns já cá não estão, subiram alto para o Além
Recordo um amigo do peito, era para vir mas já não vem

Repasto bem animado, conversas muito atrasadas
Abraços de forte amizade, recordações de namoradas!

Bolo para comemorar, cânticos de parabéns
A juventude já era, os anos que já não tem

Bate forte a nostalgia, sinto o apelo do mar
E quando dou por mim, já ouço o seu sussurrar

Sento-me em banco de rocha, a onda vem me beijar
Espalha flocos de espuma, fico calmo a olhar o mar



VAMOS TRAZER A PALAVRA ESCRITA AOS NOSSOS DIAS!

nome

Graca Cêncio

gênero

POESIA PROSA

título

O lugar da casa

O lugar da casa

Uma casa é um ninho
De conforto e ternura.
Também de mágoas
Tristezas e desventuras
Quantas vezes escondidas
Entre paredes caiadas
Pintadas ou desnudadas
Sem belas obras de arte
Ou com valiosos amuletos.
Não importa como são
Mas o que nelas deixamos.
Se as paredes falassem
Talvez nos relatassem
Estórias de vidas sofridas
Mas também de vidas felizes
Com medos e desafios
E salpicos de glórias e sentidos.



nome

Helena Franco

gênero

POESIA PROSA

título

Bolas de sabão

Bolas de sabão

As bolas de sabão da minha infância! Feitas com carrinhos de linhas de madeira e sabão azul e branco, desfeito em água ... que assoprava, no quintal da casa da minha avó.

Tempo despreocupada e feliz, em que tudo era tão simples e tudo se aproveitava.

Mais tarde, já mãe, bolas de sabão, com palhinhas e detergente de loiça, que as minhas filhas assopravam à janela da marquise.

Depois, quando fui avó, pequenos frascos de plástico, comprados nas lojas dos chineses, tudo já feito, pronto a usar, foram as delícias dos meus netos... Resultados iguais, mas como tudo é diferente agora!

As bolas de sabão continuam grandes, pequenas, a reflectir a realidade, o céu, a terra, tudo o que nos rodeia, mas perderam a ingenuidade e a simplicidade do carrinho de linhas e do sabão azul e branco desfeito em água, da minha infância!



nome

Helena Franco

gênero

POESIA PROSA

título

valsa

Valsa

Levada pela música, deslizo e rodopio, rodopio e deslizo, no chão encerado da minha memória, nos dias simples e despreocupados de outros tempos.

Tempos de juventude, de luzes intensas e coloridas, em salas grandes e espaçosas, onde sonhava ser bailarina, bailarina a sério, a desenhar piruetas em espaços imaginários...

Não fui bailarina. Mas danço. Danço sempre, sozinha ou acompanhada, quando a música me invade ou me sinto invadida pela música.

E deslizo e rodopio, e rodopio e deslizo...



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Luísa Machado Rodrigues

género

POESIA PROSA

título

À 5.^a vez foi de vez...

À 5.^a vez foi de vez...

Volto ao *Mau Tempo no Canal*, a icónica obra literária de Vitorino Nemésio que completará oito décadas no próximo ano e que trouxe à luz do dia a questão da insularidade a que me referi noutro momento a propósito de uma recente viagem não consumada à ilha Terceira.

Viagem essa em que, por 3 vezes repartidas por dois voos em aviões enormes, em dois dias consecutivos, as tentativas de aterrar na ilha foram inviabilizadas devido a condições meteorológicas adversas. Nem à 3.^a vez foi de vez... tendo avião e passageiros retornado a Lisboa sem que se chegasse a pôr o pé em solo açoriano!

Pudesse eu dizer da terra dos meus progenitores e ancestrais que o risco de voo frustrado é um mito nos Açores! Rendo-me à 'gasta culpa' da meteorologia, porém, em décadas de viagens em aviões de menor dimensão jamais deixei de aterrar no arquipélago. Será só mesmo o mau tempo o responsável? Não será também uma questão de organização e de adequação do tipo de aviões que operam na Região que servem? Aditados os assuntos de família naquela ilha, a compensação foi o bilhete para novo voo, mas para junho!!! Como depois da Terceira também teria que voltar ao arquipélago posteriormente por compromissos no Faial e Pico inverti, entretanto, a ordem das viagens e antecipei as deslocações a estas ilhas. Ocorreram há dias e, por incrível que pareça, situações equivalentes voltaram a acontecer!

A ida foi via Lisboa-Faial e, pela 4.^a vez comigo em tão pouco tempo, de novo o voo não conseguiu aterrar. Desta feita foi redirecionado para São Miguel, significando um dia inteiro inutilizado entre aviões e aeroportos, pois só à noitinha, houve voo alternativo para a Horta em avião pequeno que aterrou sem problemas nas mesmas condições meteorológicas desfavoráveis. Enfim à 5.^a vez foi de vez... cheguei!

Como se não bastasse, também quando do regresso ao Continente previsto para ser via Pico-Lisboa, foi cancelado o respetivo voo por culpa do tempo! Só já a desoras, houve um voo de substituição em avião pequeno, mas para São Miguel com pernoita e voo de regresso a Lisboa na manhã seguinte.

Em suma, de quatro dias que tinha para os meus assuntos, mais de 50% do tempo foi despendido em tais andanças e, curioso, a meteorologia não mudou, o que mudou foi tarde e mal, a substituição de grandes aviões por aviões mais pequenos... quer com prejuízo de objetivos a cumprir quer com o impedimento de usufruir de dias lindos, dos belos azuis do céu e do mar, do fulgurante verde de ilhas beijadas pela chuva abençoada que nelas não escasseia ao contrário da seca reinante no Continente...

Mais uma vez me senti uma Margarida de Nemésio dos tempos de hoje!!!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria da Conceição Areias

género

POESIA PROSA

título

Primavera

Primavera

Fins de Março

Dias já quentes ;

Meninas passeiam

De calção – cueca

Exibindo coxas poderosas

E olhares vitoriosos.

Nos bancos de jardim

Velhos de esperança parada

Regalam o olhar

E sorriem de boca aberta

Mostrando dois dentes

Em cada maxilar.

De repente a chuva;

As meninas despidas

Molham as coxas poderosas

E riem em gritinhos juvenis

Correm a casa

A espirrar e a pingar.

Os velhos fecham as bocas

E balbuciam sons indecifráveis

E perdigotos.

De repente o sol

É primavera!



nome

Mária de Lourdes Santos

gênero

 POESIA PROSA

título

Maio e o amor de Mãe

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

Maio e o amor de Mãe

Em criança foi a várias festas de casamento. Recorda todas com ternura, contudo há uma muito especial. A festa do casamento da Tia. O tempo de namoro era longo, o envolvimento familiar ia acontecendo naturalmente e o culminar era o casamento, preparado ao detalhe, recordação que perdurava no tempo. Esta festa realizou-se na casa dos pais desta criança de 7 anos de idade. Era espaçosa, reunia as condições para este acontecimento. Após a festa religiosa, seguiu-se a festa gastronómica, cuja ementa seguiu a tradição do Alentejo. Variadíssimos e deliciosos pratos à base de carne e a doçaria, também a tradicional. Tudo confeccionado em casa, com a colaboração de pessoas experientes contratadas para a árdua e especial tarefa. Na sequência da confeção dos doces foi tida em conta a resistência de conservação dos bolos, tendo a primeira opção recaído nos “bolos de côco”. Concluídos os mesmos, foram depositados num grande tabuleiro de madeira, coberto com um pano branco, e assim se garantia a sua “segurança”. Era um precioso “cofre”, situado estrategicamente numa despensa, zona fresca e pouco frequentada. Diariamente novos companheiros chegavam, também esses segundo as devidas prioridades de conservação. A menina acompanhava a azáfama e completava a sua alegria deslocando-se ao maravilhoso depósito de açúcares, de onde retirava invariavelmente, de cada vez, um bolo de côco, que tanto apreciava. No local certo introduzia a sua pequena mãozinha, e rapidamente encontrava o tesouro. Os dias passavam, o ritual mantinha-se apenas com a conviência do pano branco protetor, que apenas era deslocado sempre que chegavam novos companheiros, mas no sentido de não exposição dos que já tinham o seu lugar no território que ocupavam, até serem retirados para degustação no dia da festa. E esse dia chegou finalmente! De véspera, a mãe e a avó, levantaram o grande pano branco para darem início ao transporte do precioso conteúdo para a mesa dos doces. A surpresa foi bombástica, no lugar dos côcos, uma enorme cratera! Espaço vazio, apenas ali visível a madeira do tabuleiro, rodeada por bolos diferentes também confeccionados nos dias anteriores.

Surpreendidas e incrédulas, já refeitas do choque inicial, chamaram a menina, lembrando-se da sua preferência por bolos de côco. Também ela ficou incrédula, não imaginara a dimensão da escavação, pois tudo acontecera debaixo do pano branco! Assumi imediatamente que fora buscar um bolinho de cada vez e não imaginava que os comera todos. Foi chamada à razão, deveria ter tido cuidado e resistido à tentação, os bolos destinavam-se à festa do casamento da Tia e era desejável que os convidados comessem tais delícias também. No dia seguinte, já na festa, a avó descrevia o episódio com ternura e benevolência.

Mais tarde, a menina já mulher, comovia-se sempre que recordava a situação. Como fora possível, perante tal irresponsabilidade, não ter sido severamente castigada! Só um grande amor pode perdoar tal atitude!!

Eterno agradecimento à Mãe e Avó pelo amor que sempre lhe ofereceram, pela ternura que lhe dedicaram. Hoje, já mãe e avó, entende claramente que a voz do coração falou muito alto, sobrepôs-se à voz da razão, e só grandes corações conseguem superar e perdoar assim.

A menina recebeu um presente ímpar e inesquecível. DOCE eterno para a vida, mais uma semente poderosa, autêntica, estruturante, genuína. Não se tratou de permissividade, apenas foi dado espaço à voz do coração, responsabilizando-a pela via do Amor e do exemplo. A menina está grata a quem iluminou o seu caminho nestas e noutras circunstâncias, ajudando-a a construir-se. A vida é uma viagem que transporta diversas bagagens determinantes no desfrute e qualidade da mesma. Esta a homenagem deste MÊS DAS MÃES, a estas duas Mulheres da minha vida. Sou fruto destas duas Árvores nutridoras que muito amo e venero. A minha viagem continuará ligada às referências que me ofereceram durante as suas viagens. Eternamente grata.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria Silveira

gênero

POESIA PROSA

título

OZONO

Ozono

Diáfano ser me cinge

Meus sentidos

Se agitam,

Ao de cima

A meninice vem,

Não são duendes

Não são ninfas

Nem fadas são...

Secreta

Envolvência do solo

Brota,

Peculiar é o saudoso

Odor

Da primeira terra molhada...

Após longa seca,

A água voltou

Choveu!

Sob suaves pingos

De chuva

Pelo campo caminhei,

Fragrante, o cheiro de

Ozono

Me envolveu,

De corpo e mente esvoaçantes

No céu me senti

A tempos da infância regredi...



nome

Mítú Branco

género

POESIA PROSA

título

Botão

Botão

Encontraram um botão caído no chão

Velho, desbotado

Pensaram que era meu

Também eu estou velha,

cansada, desmaiada

A graça já se foi

Os verdes anos amadureceram

A cor é transparente

A minha presença é quase nada

E o que eu espero agora é apenas

Que a casa que sustem

O meu botão

Também me deixe ir

Leve, tranquila, aliviada

Repousar além

Feliz

Numa outra morada



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Mítú Branco

género

POESIA PROSA

título

Sonhar

Sonhar

Sonhei que flutuava
Que que voava em direcção à lua
Que nadava e ninguém me conseguia parar
Os dias feitos à minha medida
Ilusão de sorrisos
Lágrimas que eu podia controlar
O mundo girava à minha volta
num turbilhão de sons
de luz
de cor
Não me conseguia alcançar
E eu descansava
tranquila
morna
leve
vazia
feliz
sem me importar



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Regina Ferreira

gênero

POESIA PROSA

título

As cerejas

As cerejas

As cerejas

chegaram em animada conversa

Por ser maio estão maduras

Como as palavras as cerejas vêm umas

e logo outras às vezes duras

Assim os beijos que te dou

como as cerejas redondas carnudas

tentadoras a boca quente

vermelha sumarenta em ou

Guardadas na boca as cerejas

são poema pensado a lembrar umas

e outras doces ternuras

deliciosas

como as cerejas



nome

Regina Ferreira

gênero

 POESIA PROSA

título

Um amigo

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

Um amigo é uma grande tarefa, um trabalho sem fim

Aquele a quem chamo amigo é mesmo amigo. Quando penso nele, os meus olhos brilham e um sorriso salta para o meu rosto.

Já me pediram a receita para conseguir ter um amigo assim. E eu, como amiga do Outro, mesmo sem ser amiga, dou a minha receita.

Para ter este amigo em abundância, tenho de regá-lo como se fosse uma planta delicada. Água de boa qualidade com os minerais certos, servida à temperatura ideal para que cresça em graça para nosso regalo.

Assim, o meu amigo!

Ter um amigo é um trabalho sem fim! Como fazer um bolo. Sempre ovos, açúcar e farinha. Porém, sempre igual é enfadonho! Convém misturar ingredientes menos habituais que cativem a inteligência emocional do nosso amigo. Combinar uma sessão de cinema com os nossos amores, trazer outro amigo de braço dado, provocar com isso surpresa de agrado. Depois, um encontro onde haja flores e cheiro de alecrim para debater a paisagem humana que escorre daquele filme.

Ter um amigo é uma grande tarefa! Se está no vale, subir com ele trepando as vertentes da montanha onde há oxigénio novo. E, pelo caminho, ir cantando palavras soltas para guardar num poema de desejos. Desejos trazidos pelos pássaros de voo largo como aqueles que voam à nossa volta. Chegar ao topo e gritar bem alto, consegui! E, depois, descer regalado em direção ao mar pensando no cheiro a robalo grelhado e nas cores vistosas dos legumes da salada temperada com azeite e vinagre e nos muitos amigos que o esperam. E receber aquele abraço sonoro...

Que trabalho me dá este meu amigo! O meu amigo do peito, aquele que está sempre presente, mesmo que esteja nos antípodas da emoção onde estou.

Este meu amigo é a rajada de vento que me sacode quando não quero acordar da estranheza dos dias ou quando sinto gotas de orvalho a humedecer os meus olhos.

Amigo é uma boa surpresa, se surpresa for dar-lhe carinho sem nada pedir em troca. Apenas a vontade de o ter como amigo.



MAIO

2023



Nova Atena
Sabedoria e Bem-Estar



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA
www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves
DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes